

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE VETERINÁRIA**

AGRESSIVIDADE FELINA CONTRA PESSOAS

DANIELA GUZMÁN RIVERA

PORTO ALEGRE

2011/2

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE VETERINÁRIA**

AGRESSIVIDADE FELINA CONTRA PESSOAS

Autora: Daniela Guzmán Rivera

**Trabalho apresentado como
requisito parcial para graduação
em Medicina Veterinária**

**Orientadora: Ana Cristina
Pacheco de Araújo**

Co-orientadora: Joice Peruzzi

PORTO ALEGRE

2011/2

Agradecimentos

A todas as pessoas que fizeram parte da minha vida estes seis anos, cada um de vocês estará comigo sempre no meu pensamento e no meu coração. O aprendizado e o crescimento pessoal sempre foram à motivação para ficar longe de casa e valeu a pena esse sacrifício. Agradeço profundamente a minha família que sempre me apoio nesta viagem e compartilho comigo semana a semana todo este recorrido, rindo e sofrendo comigo muitas vezes. Espero retribuir à vida todas as maravilhosas experiências que tive.

Queria agradecer especialmente a minha orientadora, a Prof.^a Ana Cristina, que sempre ensinou aos alunos com a paciência e doçura de uma mãe e a co-orientadora, Joice, quem me mostrou o caminho dentro da medicina veterinária.

Lista de Ilustrações

Figura 1-	Distâncias sociais do gato.....	12
Figura 2-	Ilustrações de posturas corporais.....	14
Figura 3-	Ilustrações de expressões faciais em gatos.....	15
Figura 4-	Utilização de estruturas verticais e prateleiras no ambiente domiciliar para proporcionar áreas de fuga e redução de estrés.....	25
Figura 5-	Marcação facial do gato: o animal esfrega a cabeça contra um objeto a partir do lado do queixo até a base da orelha.....	42
Figura 6-	Diferentes tipos de enriquecimento ambiental para gatos.....	44

Lista de tabelas

Tabela 1.	Posição da cauda de um gato adulto, e algumas circunstâncias onde cada posição pode aparecer, indicando possível papel na comunicação.....	16
Tabela 2.	Distúrbios agressivos fisiopatológicos felinos.....	35
Tabela 3.	Principais fármacos utilizados na agressão à pessoas, indicando classe e dose recomendada.....	39

RESUMO

A agressão felina contra pessoas é a segunda maior causa de atendimento nos serviços de clínica comportamental. É um problema muito sério que pode causar danos tanto físicos como psicológicos e muitas vezes, pode ser a causa principal de abandono ou eutanásia em gatos. A abordagem nos casos de agressividade deve possuir um entendimento completo sobre o histórico do animal, o estilo de vida do proprietário, que permita ao especialista encontrar uma intervenção adequada e bem sucedida

Este trabalho pretende fazer uma ampla revisão bibliográfica sobre a agressividade felina contra pessoas, mostrando noções básicas do comportamento normal do gato, abordagem da agressividade direcionada a pessoas, abarcando sua incidência, bases fisiológicas, classificação, tratamentos e intervenções tanto do ponto de vista comportamental como farmacológico. Além disso, foi incluída a prevenção, no qual foram abarcados temas como a educação as pessoas, no qual o reconhecimento de sinais iniciais de ansiedade e medo, reforço de conceitos como a socialização e formas apropriadas de interação, são fundamentais para evitar possíveis agressões.

Palavras-chave: gato, agressividade, comportamento.

ABSTRACT

The cat aggression to people is second placed in behavioral problems seen by veterinarians who work with behavior. The feline aggression to people is a very serious problem that can cause both physical and psychological injuries and can often be the main cause of abandonment or euthanasia in cats. The approach in cases of aggression must have a thorough understanding of the history of the animal, the lifestyle of the owner, allowing the behavior specialist, find an appropriate and successful intervention.

This work intends to make a comprehensive review of the literature on cat aggression to people, showing the basics of normal cat behavior, aggressive approach aimed at people, covering incidence, physiological basis, classification, treatments and interventions in terms of behavioral and pharmacological issues. In addition, including prevention, which were covered topics such as education people, in which the recognition of early signs of anxiety and fear, reinforcement of concepts such as socialization and interaction appropriate ways, are essential to prevent possible attacks.

Keywords: cat, aggression, behavior.

SUMÁRIO

I	INTRODUÇÃO	9
2	COMPORTAMENTO NORMAL DO GATO DOMÉSTICO	10
2.1	Períodos do desenvolvimento de gatos	10
2.2	Comportamento social e importância do território	11
2.3	A comunicação felina	12
3	CONCEITO DE AGRESSIVIDADE	13
3.1	Sinais agressivos dos felinos	13
3.2	Bases neuroanatômicas da agressividade felina	16
3.3	Incidência de Agressividade felina	18
3.4	Fatores desencadeantes ou contribuintes	18
3.5	Abordagem inicial de uma consulta de agressividade felina	19
4	TIPOS DE AGRESSIVIDADE FELINA À PESSOAS	20
4.1	Agressão por brincadeira	21
4.1.1	Tratamento	22
4.2	Agressão por medo	23
4.2.1	Tratamento	23
4.3	Comportamento predatório	25
4.3.1	Tratamento	26
4.4	Agressão induzida por afagos	26
4.4.1	Tratamento	27
4.5	Agressão por status	28
4.5.1	Tratamento	29
4.6	Agressão redirecionada	30
4.6.1	Tratamento	31
4.7	Agressão irritável ou induzida por dor	31

4.7.1	Tratamento	32
4.8	Agressão materna	33
4.8.1	Tratamento	33
4.9	Agressividade sexual	33
4.9.1	Tratamento	34
4.10	Agressão fisiopatológica.....	34
4.10.1	Tratamento	35
4.11	Agressão idiopática.....	36
4.11.1	Tratamento	36
5	INTERVENÇÃO FARMACOLÓGICA	36
5.1	Visão geral na terapia comportamental.....	36
5.2	Fármacos utilizados na agressão felina a pessoas.....	38
5.2.1	Inibidores seletivos da recaptção de serotonina (ISRS)	39
5.2.2	Antidepressivos tricíclicos (ATC)	40
5.2.3	Azapironas	40
5.2.4	Benzodiazepínicos.....	41
5.3	Feromônio	41
6.	PREVENÇÃO	43
7	CONCLUSÕES.....	45
	REFERÊNCIAS	46
	ANEXO A.....	48
	ANEXO B-.....	49
	ANEXO C	50

I INTRODUÇÃO

A origem do gato moderno denominado *Felis catus* se remonta no antigo Egito, sendo a data de domesticação entre 7000 a 100 a.C. Através da história o relacionamento entre o homem e o gato doméstico tem sido muito inconsistente, influenciando o seu comportamento. No antigo Egito, eram utilizados para controlar roedores nas fazendas e celeiros, posteriormente foram ligados na religião tomando uma posição de privilegio dentro dessa sociedade. Na cultura árabe, foi o animal preferido do profeta Maomé, sendo um animal bem estimado. Na Idade Média da Europa, os gatos foram ligados ao demônio e a feitiçaria, sendo que muitos deles foram exterminados. Posteriormente, foram trazidos de volta gradativamente, como método efetivo de controle de ratos (BEAVER, 2005).

A condição atual do gato é de grande importância no mundo inteiro sendo que sua população teve um aumento significativo nos últimos anos, muito em parte a sua adaptação a apartamentos e casas pequenas. Em países como Estados Unidos, ganhou o espaço de primeiro lugar em animais de estimação (AMERICAN VETERINARY MEDICAL ASSOCIATION, 2007, on-line). Com todo isto, os proprietários de gatos cada vez mais dependem do veterinário para cuidar da saúde física e mais recentemente comportamental do seu animal, entrando nas questões de bem estar animal. A preocupação com a saúde e qualidade de vida dos animais de estimação incentivou à aplicação da Etologia no curso de Medicina Veterinária.

A Etologia Clínica “é o ramo da medicina veterinária que se encarrega da prevenção, diagnóstico e tratamentos dos transtornos do comportamento animal” (HEIBLUM, 2004). Dentro dos problemas comportamentais especificamente para felinos, os quatro principais distúrbios são: micção e defecação inadequados, problemas de convivência entre os animais, agressividade contra pessoas e comportamento destrutivo. Frente a estes problemas muitos animais são abandonados ou eutanasiados por não ter uma orientação adequada por um especialista em comportamento animal (BEAVER, 2005).

Este trabalho pretende fazer um estudo sobre a agressividade felina contra pessoas, mostrando as os tipos de agressividade e os possíveis tratamentos, como também diferenciar quais são as formas de comportamento normal ou anormal e aceitável ou inaceitável relacionadas a condutas agressivas.

2 COMPORTAMENTO NORMAL DO GATO DOMÉSTICO

Estudos recentes refutaram a crença popular, que gatos vivem como criaturas solitárias. O gato doméstico é um animal social. No entanto, a organização social dos felinos é bastante diferente dos grupos caninos. Os gatos domésticos são organizados socialmente ao igual que seus primeiros antepassados. O sistema social felino é flexível, permitindo que os gatos se adaptem a viver sozinhos ou em grupos de tamanho variável. Gatos de vida livre escolhem viver em grupos sociais, chamados de colônias, onde o tamanho da colônia depende dos recursos alimentares disponíveis. Por tanto, gatos formam grupos sociais e possuem formas de comunicação que refletem o seu comportamento social, reconhecendo os indivíduos em seu grupo. As fêmeas muitas vezes, envolvem-se em grupos cooperativos para o cuidado e educação dos filhotes (AMERICAN ASSOCIATION OF FELINE PRACTITIONERS, 2004).

Dentro de um grupo de gatos, pode existir uma hierarquia social. No início, quando os gatos estabelecem seus primeiros relacionamentos, agressividade pode ocorrer. Uma vez que o relacionamento é estabelecido, a agressão é excepcional enquanto não houver alterações ambientais ou físicos. Relações sociais podem mudar ao longo da vida, tal como acontece com todas as espécies sociais, embora a capacidade de ser social é inato. Competências sociais específicas são aprendidas o que resultam em um indivíduo bem-sucedido em um grupo (AMERICAN ASSOCIATION OF FELINE PRACTITIONERS, 2004).

2.1 Períodos do desenvolvimento de gatos

Segundo a American Association of Feline Practitioners (2004), as etapas de vida de um felino podem ser divididas em:

- Período neonatal: compreende desde o nascimento até 2 semanas de idade. Recebe contínua estimulação, limpeza e nutrição materna. O neonato não consegue ainda regular temperatura e tem mínima interação social.
- Socialização precoce: entre a terceira e oitava semana. Começa alimentação sólida e gradualmente diminui o leite materno. Começa as brincadeiras sociais, aprendizado de caça e começa a utilizar a caixa de areia.

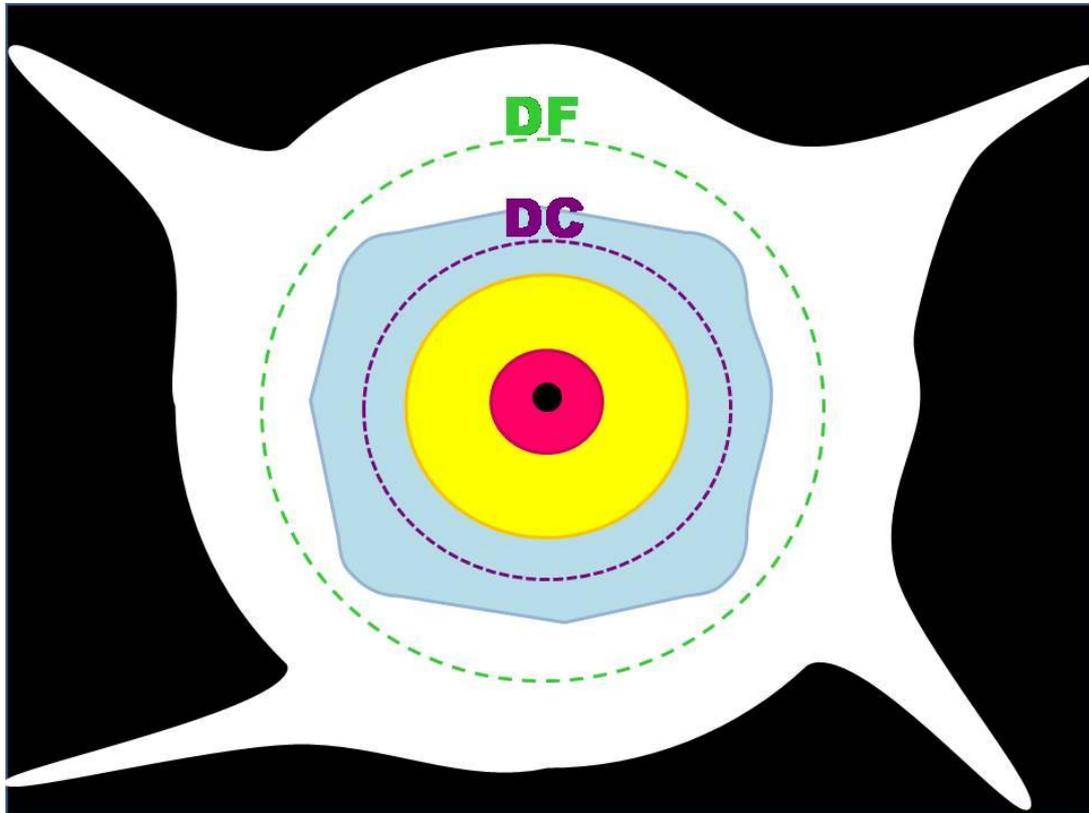
- Socialização tardia: entre a nona e décima sexta semana. A alimentação é só sólida, continua aprendendo habilidades sociais, jogos sociais e conflitos sociais podem surgir. Aumenta a exploração ambiental.
- Adolescência: entre a décima sétima semana até um ano de idade. Envolve a maturidade sexual, jogos sociais e muitas vezes subordinação social à gatos adultos. Urina em forma de spray como ocorrer e se permitido acesso externo, passa longos períodos na rua.
- Adulto entre um a seis anos de idade: neste período o gato diminui o metabolismo e ganha peso. Maturidade social e personalidade se consolidam com dois a três anos de idade.
- Adultos entre sete até a fase idosa: diminui atividade e interação social. Na alimentação podem ocorrer mudanças no apetite.

2.2 Comportamento social e importância do território

O comportamento social dos felinos é caracterizado pela evitação de interações. Os gatos possuem um padrão territorial ativo, não sendo distribuídos aleatoriamente no espaço. Mesmos os gatos caseiros dividem a casa em áreas individuais, sendo que a entrada ou saída de um membro pode causar desentendimento da redistribuição do espaço (BEAVER, 2005). Em questão de ambiente e território do felino (**Figura 1**), é importante definir certos conceitos:

- Área domiciliar: área na qual circula o gato durante as atividades normais.
- Território: área ativamente defendida contra invasão de estranhos da mesma espécie
- Distância de fuga: distância na qual o gato foge na presença de um indivíduo de uma espécie não familiar.
- Distância crítica: distância na qual o animal não pode fugir ou não está atendo ao intruso.
- Distância pessoal: é a distância que permite uma estreita aproximação e inclusive ter contato físico.
- Distância social: distância que permite a aproximação, mas que não ultrapasse a distância pessoal.

Figura 1 Distâncias sociais de gatos.



Fonte: Beaver, B. (2003)

	Área domiciliar
	Território
	Distância social
	Distância pessoal
DF	Distância de fuga
DC	Distância crítica

2.3 A comunicação felina

Os gatos se comunicam através da visão, tato, olfato e audição. Dentro da comunicação visual se incluem as posturas corporais como, por exemplo, a posição de cabeça, cauda e orelhas e contato visual. No tato é um comportamento típico a fricção contra outros sejam outros gatos ou inclusive pessoas, limpeza e toque do nariz que é utilizada como saudação. Um exemplo de comunicação auditiva é o ronronar em contato com outro indivíduo. O olfato é de grande importância dentro do comportamento felino, por meio de marcação por meio de urina, fezes e feromônios (AMERICAN ASSOCIATION OF FELINE

PRACTITIONERS, 2004). Por outro lado, a comunicação auditiva por meio de vocalizações e comportamento de marcação de território, são instrumentos importantes em animais que estão nas proximidades e assim evitar o confronto direto (BEAVER, 2005).

3 CONCEITO DE AGRESSIVIDADE

Agressividade é definida como um comportamento ameaçador ou nocivo, direcionado a outro indivíduo ou grupo. A agressão envolve uma grande variedade de comportamentos, que vão desde posturas corporais e expressões faciais sutis até ataques violentos (LANDSBERG et al., 2005). É importante entender que a conduta agressiva faz parte do comportamento felino normal, embora têm comportamentos agressivos que são inaceitáveis para a convivência entre o ser humano e animal. Muitos destes comportamentos são conseqüências de problemas de socialização, manejo, aprendizado, psicológicos e/ou orgânicos do animal (ABRANTES; apud CALDERÓN, 2009).

De acordo com Horwitz (2007) agressividade pode ser classificada em numerosos tipos funcionais, destacando em primeiro lugar a agressão ofensivo, definido como tentativa não-provocada de ganhar algum recurso às custas de outrem, como exemplo a agressão por status social e agressão entre machos. Em segundo lugar a agressão defensiva, que provém de uma vítima em direção a outro, que é perseguido como instigador ou ameaça. Nesta forma estão incluídas a agressão relacionada ao medo, defesa territorial, irritável (associada à dor ou frustração) e maternal.

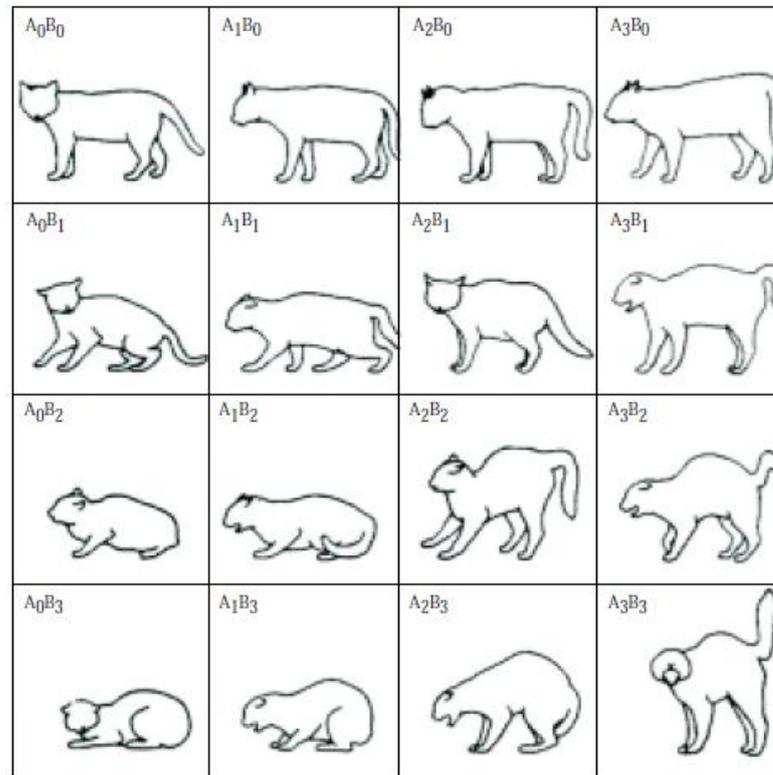
3.1 Sinais agressivos dos felinos

Segundo Calderón, (2009), uma série de sinais importantes na identificação de agressividade felina durante a interação com pessoas e animais deve ser reconhecida (**Figura 2 e 3**):

- Olhares fixos, persistentes e ameaçantes
- Rosnado, grunhido e vocalizações ameaçantes.
- Linguagem corporal e facial ameaçante: pilo- ereção de dorso e cauda, orelhas eretas (apontando aos lados), extremidades tensas, corpo para frente, acompanhado de vocalizações.
- Espreitar, perseguir e utilizar brincadeiras grosseiras e agressivas (instinto predatório)

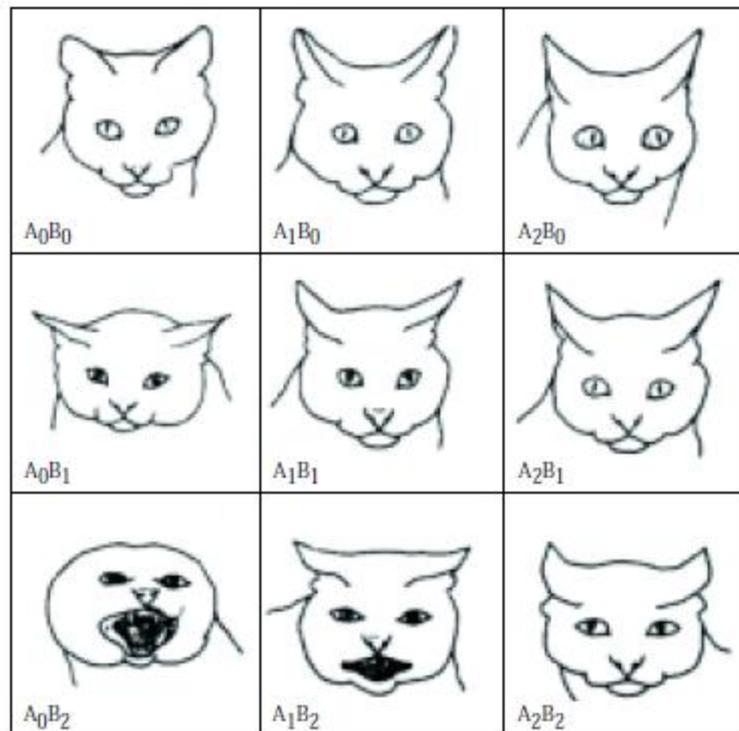
- Linguagem facial ameaçante, com postura defensiva, orelhas baixo apontando os lados ou atrás, e corpo encurvado.

Figura 2 Ilustrações de posturas corporais.



A₀B₀ representa um gato calmo e A₃B₀ representa o gato mais agressivo numa forma ofensiva, muitas vezes visto em situações de agressividade à pessoas. Na série de A₀B₀ a A₃B₀, o gato torna-se mais ofensivo, enquanto que na série A₀B₀ a A₀B₃ torna-se mais defensivo. A₃B₃ representa um gato com comportamento defensivo e ofensivo.

Figura 3 Ilustrações de expressões faciais em gatos.



Na série de A₀B₀ a A₂B₀ o gato se torna mais reativo, enquanto que o medo e o aumento da falta de vontade para interagir é mais pronunciada na série A₀B₀ a A₀B₂. A diagonal da série A₀B₀ a A₂B₂ representa um gato que esteja tornando-se mais ofensivo e agressivo. Mais posturas ofensivas são acima da diagonal, enquanto que comportamentos defensivos são caracterizados por posturas abaixo da diagonal. A₀B₀ representa um animal calmo.

De acordo com Bradshaw (1992), a posição da cauda também nos aponta informações importantes para a comunicação felina. A seguir a **Tabela 1**, mostra as diferentes posições de cauda:

Tabela 1. Posição da cauda de um gato adulto, e algumas circunstâncias onde cada posição pode aparecer, indicando possível papel na comunicação

Posição da cauda	Circunstâncias
Vertical	Comprimentos
	Brincadeiras sociais
	Aproximação sexual em fêmeas
Meio levantada	Aproximação sexual em fêmeas
Horizontal	Aproximação amigável
	Aproximação sexual em fêmeas
Côncava	Agressão defensiva
Baixa	Agressão
Entre os membros posteriores	Submissão

Fonte: Bradshaw, John 1992

Embora, existam vários estudos mostrando as posturas corporais e expressões faciais, de acordo com Houp (1997) são de difícil identificação e acontecem muito rapidamente. Além disso, explica que muitas vezes os gatos alternam rapidamente posturas variadas de ataque, abordagem, defesa e posturas sobrepostas que geralmente são de difícil identificação por leigos.

3.2 Bases neuroanatômicas da agressividade felina

O comportamento agressivo deriva da junção de componentes fisiológicos como o sistema autônomo e neuroendócrino (DODMAN; apud PERUZZI, 2008). Cada tipo de agressividade deriva de um mecanismo neurobiológico diferenciado. Circuitos neurais mediam diferentes tipos de comportamento agressivo, cada um envolvendo pelo menos transmissões mínimas desde: órgãos sensoriais que filtram sinais espécie-específica; ações motoras rápidas e posturas prolongadas, que mostra que são modelados e seqüenciados em maneiras típicas de cada espécie; e elementos integrados de processos motivacionais, afetivos e cognitivos. Em mamíferos, catecolaminas, indolaminas são requerimentos obrigatórios para

uma influencia moduladora das aminas, sendo relativamente independentes de esteróides androgênicos em muitos tipos de comportamentos agressivos (DODMAN, SHUSTER, 1998).

Em um estudo de agressividade felina direcionada A pessoas, Gregg, T.R; Siegeli, A., (2000), definiram as estruturas relacionadas mais importantes: área medial e lateral do hipotálamo, matéria cinza periaquedutal límbico-hipotalâmico (PAG) e partes do tegumento do encéfalo. No mesmo estudo mencionam que as estruturas que modulam a agressividade, incluem a amígdala, área septal, hipocampo, núcleo intersticial da estria terminal (BNST), prefrontal córtex e cortex cingulate anterior. Contudo, destacam que a região mais importante na modulação é a amígdala (OVERALL, 1997).

Segundo Overall (1998), estudos da agressividade em gatos estabeleceram que as áreas ventromedial do hipotálamo (VMH) e da amígdala têm um papel importante na resposta defensiva e predatória dos gatos. A amígdala possui uma posição central dentro de variados circuitos límbico; tem sinapses e projeções eferentes com áreas ventrolaterais do VMH, onde a estimulação leva a um comportamento agressivo. Inclusive, dentro da própria amígdala, existem complexas regiões diferentes, como por exemplo, a estimulação lateral da amígdala facilita ataques predatórios e defensivos, mas também a estimulação utilizando alta intensidade inclui a área ventral do hipocampo. A associação entre estimulação neuroanatômica e comportamento agressivo leva a implicações dos mecanismos fundamentais de comportamento normal ou anormal do gato.

Acredita-se que os gatos mais defensivos exibem menos agressão predatória que gatos que são menos defensivos. As diferenças de comportamentos entre mais ou menos agressivos são estáveis no primeiro ano de idade do gato, mas não é claro se o padrão social é uma reflexão do funcionamento neural ou a influência do funcionamento neural influencia o padrão social.

Existem outras áreas do cérebro que influenciam o comportamento agressivo em gatos. Por exemplo, sinais como pilo-ereção, retração de orelhas, arqueamento de costas, dilatação de pupilas, vocalização, exposição de garras e assobios estão relacionados com estimulação físico-elétrica e química do hipotálamo medial. A interação entre o substrato neural e o comportamento é complexa e são necessárias mais pesquisas para esclarecer o funcionamento destes comportamentos (OVERALL, 1998).

3.3 Incidência de Agressividade felina

Em países como Estados Unidos, onde o gato é o animal de estimação com a maior população, diversos autores sinalam que a agressividade felina é o segundo problema mais comum, depois da sujeira doméstica (LANDSBER, 2005, BEAVER 2003). No entanto, Ramos, D.; Mills, D. (2009), menciona que especificamente a agressividade felina direcionada a pessoas é provavelmente pouco reportada, já que muitos proprietários de gato, acreditam que os gatos são criaturas autônomas que não podem ser controladas realmente. Então, a agressão muitas vezes é aceita como parte do ter um gato. Os mesmos autores sinalam que pesquisas científicas ao redor do mundo sugerem que a agressividade a pessoas encontra-se em um intervalo de 12 a 47% de todos os problemas comportamentais reportados pelos proprietários. Numa pesquisa realizada na cidade de São Paulo, Brasil, a agressividade a pessoas ocupou o primeiro lugar em problemas comportamentais reportados pelos proprietários, demonstrado no **Apêndice A**.

Dentro dos problemas comportamentais de felinos, um alto número de episódios de agressividade ainda é direcionado às pessoas. Ataques de gatos trazem consequências físicas como, por exemplo, a doença de arranhadura do gato causada pela bactéria *Bartonella sp*; e psicológicas, que não devem ser subestimadas. Deve ter-se extremo cuidado, especialmente quando o alvo dos ataques são pessoas idosas, crianças ou pessoas imunocomprometidas. Em estudos feitos na Espanha, o principal problema de comportamento de felinos é a agressividade felina em geral, sinalam que 78% dos casos de agressividade felina era direcionada a pessoas, onde a principal vítima era o proprietário (AMAT, 2009, PALACIOS, 2007).

3.4 Fatores desencadeantes ou contribuintes

Existem vários padrões de agressão felina direcionado a seres humanos e podem ser diferenciados com base na seqüência de atos motores, provocando eventos e motivações prováveis. Não há comportamento sem emoção anterior. A emoção é definida como um estado de motivação, excitação, que tem um impulso para agir, com tendência a ação, como por exemplo, o medo, a raiva ou alegria, acompanhada por mudanças fisiológicas determinadas e atividades comportamentais. Então, todos os comportamentos agressivos são afetivos (FRANK, DEHASSE, 2003).

De acordo com Horwitz e Neilson, (2008), os fatores que contribuem para o comportamento agressivo de uma forma geral são: socialização e exposição pobre a pessoas e a outros animais; histórico de abuso ou negligência; tipo de nutrição precoce, que pode resultar em animais com reatividade e emocionalidade aumentada; aumento de número de gatos em um ambiente de espaço e recursos limitados. Em um estudo realizado na Espanha, a agressividade felina direcionada a membros da família teve como fatores de risco: lares com mais de um gato e felinos do sexo feminino que tinham sido castradas (AMAR, 2009). Fatores relacionados diretamente com a agressividade contra pessoas são mencionados por Frank e Dehasse, (2003), os quais são:

- Fatores internos: dor aguda ou crônica, como por exemplo, artrite, hipertireoidismo, demência senil, tumores cerebrais, problemas hepáticos, ou anastomose portossistêmica.
- Fatores biológicos: infecções virais como raiva, vírus da imunodeficiência felina (FIV), vírus da leucemia felina (FeLV), peritonite infecciosa felina (FIP), infecção bacteriana ou parasitária como *Toxoplasma*
- Fatores químicos: anestésicos dissociativo como a quetamina ou fármacos diversos.
- Fatores psicológicos diversos: como a sensibilização, pobre socialização, eventos traumáticos, estresse, entre outros.
- Os fatores ambientais: como o ambiente físico (por exemplo, a restrição de espaço, falta de estimulação ou hipoestimulação, hiperestimulação) ou no ambiente social (por exemplo, a presença de outros animais, interações com o proprietário e expectativas).

3.5 Abordagem inicial de uma consulta de agressividade felina

Uma consulta de etologia clínica deve ser sempre realizada por um veterinário especialista em comportamento que conheça as principais categorias funcionais dos distúrbios comportamentais do felino. O médico veterinário que se depara com um caso de agressividade contra pessoas deve realizar uma investigação profunda, conforme descrita a seguir (NORSWORTHY, 2011):

- Avaliação médica completa: todos os animais com problemas de agressividade devem possuir uma exame médico completo.
- Histórico completo: para chegar a um diagnóstico é necessário uma descrição detalhada do histórico do animal, assim como narração completa do incidente de agressão e identificação de desencadeadores do comportamento agressivo. Perguntas-chaves devem ser feitas como quando, onde, a quem e com que frequência ocorre os episódios de agressividade. Todos os membros da casa devem participar da consulta, já que cada um pode dar detalhes esclarecedores do evento. Importante perguntar qual é a resposta do proprietário frente aos episódios de agressividade.
- Características do ambiente e da rotina da casa: deve ser descrita a rotina diária da casa, espaços importantes para o gato como para esconder, escapar ou descansar. A distribuição e quantidade dos recursos como comida, água, caixas de areia, brinquedos e áreas onde o gato vive deve ser observada.
- Início do comportamento e evolução: idade de início do comportamento, que pode estar relacionado com a maturidade do animal.
- Linguagem corporal: descrições detalhadas de postura corporal e expressões faciais são importantes antes, durante e depois do incidente de agressão, principalmente para detectar desencadeadores e prevenir futuras agressões. Além disso, deve ser registrado o tipo de vocalizações emitidas pelo animal.
- Dinâmica proprietário-gato: muitas vezes o proprietário sem saber, contribui reforçando ou exacerbando uma cadeia de eventos quando lida com um episódio de agressividade. Devem ser registrados eventos de rotina como brincadeiras, carinho e higiene dos animais.

4 TIPOS DE AGRESSIVIDADE FELINA À PESSOAS

Existem na literatura várias classificações da agressividade felina, não existindo uma única lista classificatória aceita pelos especialistas. De acordo com Beaver (2003), a agressividade pode ser classificada em vários tipos: por alvo, por reflexo defensivo ativo ou

passivo, por aprendizado ou por função. A mesma autora sinala que para fins clínicos e práticos, a classificação por função resulta ser a mais adequada.

Segundo Curtis, T.M. (2008), a classificação mais comum de agressividade felina direcionada a pessoas inclui: agressão por brincadeira, por medo, induzida por afagos, redirecionada, por dor e agressão maternal. Além disso, agressão por status e agressão sexualmente motivada também é colocada dentro de agressividade contra pessoas, porém não todos os especialistas em comportamento concordam com este diagnóstico e classificação. Outro tipo de agressividade controversa dentro da literatura é o comportamento predatório, muitas vezes confundido com agressividade por brincadeira (FRANK, DEHASSE, 2003).

Em uma pesquisa realizada por Ramos, D; Mills, D. (2009), no estado de São Paulo, mostra as porcentagens dos principais contextos observados que desencadeiam agressividade contra pessoas (**Anexo B**).

4.1 Agressão por brincadeira

A agressão por brincadeira acontece com maior frequência em filhotes e gatos jovens. Por meio das brincadeiras sociais os filhotes desenvolvem suas habilidades motoras. Trata-se do comportamento de agressividade mais comum que os gatos manifestam com os proprietários. Durante a brincadeira, o alvo é geralmente um objeto, animal ou pessoa em movimento, sendo considerado mais problemático quando é direcionado a pessoas que a outros animais. O comportamento pode ser direcionado a uma pessoa determinada pessoa. Embora pareça um comportamento benigno, pode causar lesões graves aos proprietários e é significativamente perigoso a membros da família como crianças (BEAVER, 2005) (LANDSBERG, 2005).

Segundo Norsworthy (2011), o começo deste tipo de agressão é entre a oitava a décima segunda semana de idade. Outro autor sinala que, "gatinhos desmamados precocemente não aprendem a moderar suas reações à brincadeira social e, conseqüentemente, podem não aprender a esconder as unhas e a evitar as mordidas" (BEAVER, 2005 p. 159). O gato mordido para de brincar ou reage defensivamente e em conseqüência as mordidas fortes tendem a ser inibidas. (LANDSBERG, 2005). Nos casos que os filhotes não tem irmãos de ninhada para interagir, podem direcionar as brincadeiras agressivas para o proprietário. Além das brincadeiras sociais, ao redor de 14 semanas de idade começam as brigas sociais, quando os gatos aprendem realmente quando estão causando dor.

Os elementos lúdicos que podem ser identificados são: exploração e investigação; tocaia, perseguição, ataques, botes, saltos laterais; lutas, tapas e mordidas. Frente a este tipo de componentes lúdicos, frequentemente os proprietários contribuem, de maneira que estimula os ataques a mãos e pés. Quando este comportamento é desestimulado, o gato tende a reduzir sua manifestação (LANDSBERG, 2005).

4.1.1 Tratamento

De acordo com Curtis, T. (2008), a estratégia mais prudente a ser tomada nestes casos é evitar as situações que desencadeiem o comportamento. Se o proprietário não tem certeza onde e quando o problema comportamental aparece, escrever um diário facilita a identificar os lugares e os momentos que devem ser evitados. Por exemplo, quando se identifica o local ou momento, uma estratégia poderia ser colocar o gato em outro cômodo da casa, com bastante enriquecimento ambiental, para que não seja visto como uma punição e o animal têm a oportunidade de brincar apropriadamente. O proprietário deve ter presente que o gato precisa oportunidades diárias de brincadeiras apropriadas e aceitáveis que supram suas necessidades.

O enriquecimento ambiental é de grande importância e se caracteriza pela oferta de brinquedos variados em múltiplas localizações da casa. Uma tática que pode ser utilizada é o proprietário amarrar uma corda a seu corpo com uma extremidade que cai a vários metros de distância, propiciando que o gato brinque com a corda ao mesmo tempo que a pessoa caminha pela casa. Por outro lado, existem brinquedos interativos, que independem da presença do proprietário, estimulando o animal a brincar sozinho (CURTIS, 2008).

A punição pode ser aplicada, desde que se respeitem algumas regras. Primeiro, a punição deve ser imediata; segundo, deve ser feita de forma consistente, todas as vezes em que o comportamento ocorre; e a terceira condição, deve ser uma punição apropriada que não cause medo do proprietário. Exemplos de uma punição são sons como “shhsst”, spray de água ou uma lata que produza um som alto. O objetivo da punição é interromper a sequência e direcionar o comportamento a uma brincadeira apropriada. Punição física deve ser sempre evitada porque pode causar medo, ansiedade ou até uma agressividade defensiva.

Uma alternativa recomendada que funciona para muitos proprietários é introduzir outro gato de aproximadamente da mesma idade, para que o comportamento lúdico ocorra entre os dois animais e não envolva o proprietário (BEAVER, 2004).

Uso de medicação é raramente indicada porque é um comportamento normal direcionado a um alvo inadequado (CURTIS, 2008).

4.2 Agressão por medo

A agressão por medo acontece quando o gato identifica a alguém ou algo como uma ameaça e pode ser efetiva se não houver oportunidade para fugir. Animais amedrontados podem reagir de forma agressiva e geralmente, a agressão é precedida por tentativas de evitar ou escapar, indicando que algum grau de confinamento está associado com uma situação ameaçadora. O gato desenvolve uma postura medrosa ou defensiva, posição agachada, orelhas para trás, pupilas dilatadas, pilo ereção, rosnado ou silvos e pode agredir se for tocado (BEAVER, 2003, NORSWORTHY, 2011).

As causas de agressão por medo estão relacionadas com um histórico de pobre socialização ou de vida selvagem, assim como também situações de condicionamento, onde o gato associa um evento aversivo a uma pessoa. Este tipo de agressão não tem predisposição racial, etária ou sexo, independe se o animal é castrado ou não, mas pode ter um componente genético associado. A resposta do gato com medo pode ser contra uma pessoa em particular ou a partir disso, generalizar, como por exemplo, a todos os homens, mulheres, crianças ou a maioria das pessoas exceto para um núcleo pequeno (CURTIS, 2008).

4.2.1 Tratamento

A primeira medida a ser tomada é a identificação do estímulo provocador do medo, reconhecendo a intensidade ou distância que acontece. Após a sua identificação, durante o tratamento o animal não deve ser exposto de forma incorreta a pessoa até que o tratamento tenha sucesso (LANDSBERG, 2005).

As técnicas de modificação comportamental que podem ser aplicadas são a dessensibilização e contracondicionamento. Estas técnicas visam habituar de forma gradual a

proximidade da pessoa, por exemplos podem ser utilizados recompensas alimentares como resposta positiva a aproximação da pessoa. O mais importante nestas técnicas, é a paciência já que todo o processo deve ocorrer bem devagar. A seguir descreverem as etapas das técnicas de dessensibilização sistemática e contracondicionamento: identifique os estímulos deflagradores e o limiar para o comportamento temeroso (intensidade e distância); identifique qual é atividade/comida favorita que seja utilizada como recompensa para o gato (componente de contracondicionamento) e realize exercícios diários de treinamento, dois ou três por dia, explicados a seguir (BEAVER, 2003, LANDSBERG, 2005):

- Comece com períodos curtos de treinamento como cinco minutos, e conforme o sucesso pode ser aumentado gradualmente.
- Exponha ao gato a pessoa em um nível que não provoque medo ou comportamento agressivo defensivo. Por exemplo, se o limiar de medo para a pessoa for de três metros, a pessoa deve estar visível, mas mais longe que três metros.
- Recompense o animal quando estiver calma a exposição.
- Com o sucesso, aos poucos, intensifique o estímulo, até que o gato não fique mais temeroso a ele.
- Se o comportamento agressivo temeroso for inadvertidamente deflagrado, reduza a intensidade dos estímulos deflagradores ou, se necessário, remova-os e deixe o gato se acalmar. Quando calmo, o animal pode ser recompensado.
- Deve-se evitar a punição em absoluto, porque aumenta o nível de medo, reforçando o nível de evitação e piorando a agressão
- Por questão de segurança, pode ser necessário restringir ao gato usando uma peiteira como guia ou mesmo uma caixa de transporte.

Muitas vezes é necessária a administração de medicação para diminuir o nível de ansiedade e ter um nível de relaxamento suficiente para que perceba que a pessoa que causa o medo não é perigosa. As opções farmacológicas são descritas no item de intervenção farmacológica (CURTIS, 2008).

Algumas estratégias de enriquecimento ambiental podem ser implementadas para um gato potencialmente estressado e com medo. Para estes indivíduos, o enriquecimento deve ser capaz de proporcionar redução de ansiedade, utilizando no espaço estruturas verticais, por exemplo, fazer esconderijos disponíveis, e aumentar os pontos de vista através do uso de prateleiras e árvores de gato, para aumentar a segurança, proporcionando a oportunidade para

o levantamento do ambiente de uma distância segura da percepção a ameaças potenciais. Também, para aumentar a segurança do espaço, colocar no ambiente espaços enjaulados, proporcionando áreas designadas para descanso, alimentação e eliminação (**Figura 4**). Outras estruturas interessantes são as barreiras físicas ou visuais entre as áreas, que podem ajudar a definir o espaço. Em espaços amplos, como o ambiente de casa, pode minimizar o espaço espaço aberto, através do posicionamento dos móveis e adição de estruturas, para garantir espaços de fuga (ELLIS, 2009).

Figura 4- Utilização de estruturas verticais e prateleiras no ambiente domiciliar para proporcionar áreas de fuga e redução de estresse.



Fonte: <http://www.arquiteturainterores.com/tag/prateleiras/>

4.3 Comportamento predatório

Segundo Landsberg, G. 2005, a predação é um comportamento instintivo e altamente motivado no caso dos felinos. A natureza do gato é caçar, perseguir e matar presas. Os movimentos iniciais são caracterizados por perseguição silenciosa, o corpo mantido perto do chão e o ataque é padronizado para obter a morte da presa rápido.

O gato costuma caçar animais do mesmo tamanho ou menores, e por isto, humanos não entram dentro deste padrão. No entanto, elementos de seqüência predatória, tais como atacar, bater, arranhar e comportamento de chute, são observados e dirigidos a partes do corpo

humano. As partes do corpo humano mais atingidas são tornozelos, pernas e mãos. A cabeça pode ser alvo quando o gato pula do alto em forma de emboscada. O gato se esconde em móveis, embaixo de escadas ou em áreas de passagem comum e ataca nas pessoas; a mordida pode ser inibida ou não. Para diagnóstica este tipo de comportamento, é necessário a observação de todo o processo do ataque, porque o comportamento predatório é apresentado como uma seqüência organizada e oposto ao comportamento de brincadeira que não tem uma seqüência (FRANK, DEHASSE, 2003).

A apresentação de comportamento predatório pode ser visto em gatos de todas as idades e é mais frequente quando os gatos não têm oportunidade de caçar ou brincar. Uma rotina normal do gato deveria ser de mais de três horas de atividade predatória por dia. Em muitos casos, caçar e brincar com partes do corpo humano é a única oportunidade do gato de ter um alvo interativo dentro de casa. O comportamento predatório é mais observado durante o início da manhã e durante o fim da tarde, quando o gato esta com fome e quando tem mais atividade dos proprietários dentro de casa (FRANK, DEHASSE, 2003).

4.3.1 Tratamento

O comportamento predatório é parte do instinto do gato como carnívoro caçador, portanto, eliminar este comportamento é impossível. No entanto, pode ser direcionada a brincadeiras com objetos móveis que mimetizam a caça, suportem as unhas e dentes dos felinos. Em lugares que for possível que o animal tenha contato com áreas externas, o gato pode caçar insetos e animais menores ao invés do proprietário. Geralmente precisa uma compreensão do proprietário sobre o comportamento normal do felino (BEAVER, 2004, DEHASSE, FRANK, 2003).

4.4 Agressão induzida por afagos

A agressão induzida por afagos ou também chamada de intolerância a carícias é um tipo de agressão que acontece quando o gato é acariciado ou encontra-se no colo do proprietário e repentinamente arranha ou morde. O animal imediatamente pula para baixo,

corre uma distância curta e pára, muitas vezes para se lambar (BEAVER, 2004). O ataque pode ser tanto uma pequena mordida inibida como múltiplas mordidas graves, principalmente porque causam feridas profundas e severas (CURTIS, 2008).

De acordo com Landsberg, G. (2005), muitos dos gatos que apresentam este comportamento são animais que parecem gostar de atenção social. As causas ainda são controversas entre a literatura, mas segundo Beaver, B. (2003), existem três hipóteses: a primeira hipótese refere-se a que o gato inicialmente gosta do carinho, mas depois de certo tempo, se torna excessivo e atinge o limiar de tolerância; a segunda hipótese é que o animal sente tão agradável o afago do proprietário, que termina em um sono leve, que ao acordar sente-se confinado e luta para escapar; a terceira hipótese afirma que é uma forma de controlar atenção do proprietário. Ainda segundo Curtis, T. (2008), a causa do comportamento é a carícia em partes do corpo não apropriadas, esclarecendo que gatos se lambem uns aos outros somente na cabeça e pescoço.

O animal demonstra sinais de desagrado movimentando a cauda e pele, com as orelhas para trás, em muitos casos emite um silvo ou rosnado baixo podendo virar-se e morder a pessoa que o este acariciando. A quantidade de interação que um gato tolera antes da agressividade varia de gato para gato, mas pode ser previsível em alguns indivíduos (CURTIS, 2008).

4.4.1 Tratamento

O tratamento consiste em identificar o limiar de afago que deflagra o comportamento agressivo e orientar ao proprietário a reconhecer os sinais de aviso antes da agressão como, balanço da cauda, tensão corporal, inclinar-se para longe, orelhas achatadas contra a cabeça. A partir do reconhecimento destes sinais, pode-se realizar um treino de dessensibilização e contracondicionamento para aceitar mais afagos Horwitz e Neilson, (2007), descrevem as etapas da dessensibilização:

- Identifique uma recompensa para ele, como um petisco saboroso ou brinquedo favorito;
- Quando o gato estiver com disposição para afagos, passe a mão das costas dele, algumas vezes, mantendo-se o abaixo do nível que deflagra agressão;

- Dê a recompensa pela tolerância dos afagos;
- Conforme vai aceitando gradualmente os afagos, aumente a duração e/ou intensidade dos afagos antes de dar a recompensa;
- Se o animal demonstrar sinais preliminares de agressão ou a própria agressão, o proprietário deve cessar imediatamente a interação, sem dar a recompensa e sair do local. Na próxima sessão, reduza a quantidade de afagos sem que desencadeiem a resposta indesejada;
- Identifique e pratique outros tipos de interação e contato físico que o gato goste como coçar a cabeça ou o pescoço, sentar quieto no colo sem contato e sessões de brincadeira diárias.

Além dos passos descritos anteriormente, devem ser identificadas outras situações nas quais o gato esteja exigindo ou controlando recursos, recomendando para o proprietário não atender a essas exigências. Um exemplo comum é quando o gato mia para pedir a refeição ao proprietário. Outra sugestão é evitar qualquer reação do proprietário que cause excitação aumentada porque pode piorar a condição (HORWITZ, NEILSON, 2007).

A utilização de fármacos em agressão induzida por afagos é controversa na literatura, no entanto, pode facilitar a interação positiva entre o animal e o proprietário. As drogas que podem ser utilizadas são descritas no item de intervenção farmacológica (CURTIS, 2008).

4.5 Agressão por status

Este tipo de agressão é considerado incomum e controverso em gatos, não muito esclarecida na literatura veterinária. Considera-se que é uma agressão quando os gatos mordem ou atacam aos proprietários ou outros gatos para controlar uma situação (LANDSBERG, 2005). Em muitos casos, o animal mostra uma reação agressiva para uma ou mais pessoas na casa. Os gatos neste tipo de agressividade exibem postura ereta, rígida, com orelhas para cima e apontando as laterais; esta postura é oposta a posturas de medo ou brincadeira. Em grupos de gatos, forma-se uma hierarquia e o animal que ocupa a última posição nessa hierarquia é chamado de paria. Acredita-se que o próprio proprietário pode converter no paria do animal (BEAVER, 2004).

Algumas hipóteses são especuladas frente a este comportamento, entre elas estão gatos serem criados com mamadeira, especialmente em situações de agressão que parecem ser relacionadas à frustração. Outra hipótese colocada é que pode estar relacionada com permitir ao gatinho controlar o ambiente e todas as interações (HORWITZ, NEILSON, 2008). Com tudo, alguns pesquisadores acham que a agressão por status é uma forma de manifestação de agressão relacionada a conflitos de respostas inconsistentes e imprevisíveis dos proprietários (CURTIS, 2008).

De acordo com Norsworthy, G. (2011), explique que gatos preferem cumprimentos e contato curto com pessoas; por outro lado, frequentemente as pessoas preferem contato físico prolongado causando no animal, ansiedade e possivelmente medo. Ambas as respostas envolvem mordedura quando são acariciados, bloqueio do proprietário a certas áreas e mordedura quando são aproximados ou levantados no colo. Deve-se ter muito cuidado para realizar o diagnóstico deste comportamento, porque podem estar presentes outros tipos de agressividade simultaneamente Outra forma relacionada de agressão por status é a agressão resultante de frustração, quando o animal não consegue a recompensa de alimento que deseja, acesso ao ar livre ou mesmo quando é interrompido ao realizar outra atividade.

4.5.1 Tratamento

A preocupação primária quando se pensa no tratamento, é a segurança das pessoas e a prevenção dos ferimentos. As crianças que convivem com o gato devem sempre ser supervisionadas durante o tempo todo em que estão brincando com o animal. Em casos que os ataques sejam desinibidos e causando ferimentos graves em crianças pequenas, pessoas idosas ou imunocomprometidas, a opção mais prudente é mudar o gato de lar (HORWITZ, NEILSON, 2007).

Um possível tratamento mencionado por Landsberg, G (2005), é fazer uma intervenção com o objetivo de que os proprietários obtenham controle sobre o gato. Os proprietários podem obter melhor controle identificando e evitando as situações que podem levar a agressão. O treinamento do animal deve consistir em que todas as recompensas como brincadeira, afecção, alimento e atenção, devam ser merecidas. Por exemplo, pode-se ensinar

o gato a responder alguns comandos básicos, como "vem" para treinamento de recompensa. Depois, podem-se usar comandos e recompensas para superar problemas potenciais, como conseguir que o animal saia da mobília. De fato, o gato deve aprender que o proprietário, e não ele, iniciará afeição, brincadeira ou petiscos de qualquer tipo e que ele deve submeter ao proprietário para obter essas recompensas.

Outra estratégia sugerida por Curtis, T. (2008), consiste no manejo do gato redirecionando sua atenção em atividades construtivas como o brincar. Além disso, explica que medicação pode ser necessária para diminuir o nível de excitação ou reatividade, se esta for particularmente alta. Também é importante oferecer a oportunidade de interações positivas e para recompensar o gato, quando ele não interage com o proprietário de uma maneira agressiva. Segundo Beaver, B. (2004), muitas vezes já existe uma relação proprietário-animal negativa, pela qual o proprietário precisa primeiro afastar-se do animal e com o tempo, ir aproximando-se oferecendo alimentos altamente palatáveis.

4.6 Agressão redirecionada

A agressão redirecionada não é uma agressão com uma seqüência específica ou desencadeadores específicos. O proprietário que é vítima desta agressão, não tem nenhuma relação com o evento ou contexto e muitas vezes, o seu comportamento joga um papel importante perpetuando ao ciclo de agressividade (FRANK, DEHASSE, 2003).

Os estímulos desencadeadores podem ser visuais, olfativos e/ou sonoros. O exemplo clássico mencionado na literatura, que apresenta um gato observando outro gato a través da janela, mas não consegue atacar o gato que esta na área externa da casa e conseqüentemente redireciona essa agressividade para um novo alvo como o proprietário (FRANK, DEHASSE, 2003).

Não existe período particular para o surgimento deste comportamento, sendo que qualquer idade, sexo ou raça pode exibi-lo. A motivação primária pode incluir diferentes tipos de agressão: territorial, entre gatos, defensiva, relacionada a dor, etc. Os incidentes agressivos podem variar de forma significativa em intensidade, a maioria dos casos são ataque súbitos, sérios, e sem provocação. O gato geralmente vocaliza com um rosnado baixo, depois mia alto e avança com mordidas desinibidas. É importante ressaltar, que os gatos podem ficar emocionalmente excitados por longos períodos inclusive dias, assim um evento agressivo

redirecionado pode não estar muito próximo à agitação inicial, e o proprietário pode não ter reconhecido a causa primária da agressão (HORWITZ, NEILSON, 2008).

4.6.1 Tratamento

De acordo com Curtis, T. (2008), deve-se inicialmente identificar o problema primário, o evento ou estímulo que leva ao animal a um comportamento agressivo. Porém nem sempre esta situação pode ser identificada, por exemplo, se o animal dentro de uma casa ou apartamento observa outro gato, a solução pode ser tão simples como negar o acesso à janela utilizando cortinas. Em outras situações, o gato pode se tornar agressivo por estímulos sonoros ou olfativos, os quais são muito difíceis de evitar.

Neste tipo de agressividade, muitas vezes a prevenção é o melhor tratamento. É importante que o proprietário não tente acalmar o animal ou interagir em momentos de excitação, o ideal seria colocar o gato em um cômodo escuro da casa que permitisse se tranquilizar. No entanto, tem momentos que é impossível evitar a aflição do gato. O tratamento mais prescrito é a separação a longo prazo do gato e seu alvo, e, muitas vezes inclusive do proprietário, já que o gato pode fazer uma associação entre a vítima e o evento estressante. O tempo que pode levar a extinguir ou atenuar este comportamento é bastante variável. Como alternativa, medicamentos ansiolíticos podem ser utilizados, muitas vezes na reintrodução gradual do gato com seu proprietário, descritas no item de intervenção farmacológica (BEAVER, 2004, CURTIS 2008).

4.7 Agressão irritável ou induzida por dor

Problemas médicos podem precipitar ou contribuir para respostas agressivas em gatos. Por isso, em qualquer caso de agressividade contra pessoas, deve ser feito um exame clínico completo. O exame físico deve ser acompanhado de exames complementares apropriados para o caso como urinálise, exame de fezes e testes para avaliar a função endócrina e metabólica do indivíduo. Além dessa avaliação, para chegar a um diagnóstico, podem ser

necessários exames de imagem, como radiografia e ecografia. Dor intensa em felinos podem ser caudas por doença periodontal, problemas gastrointestinais, mudanças de visão, otites, hipertensão e alergias (NORSWORTHY, 2011). Além disso, problemas crônicos são diretamente associados à agressão induzida por dor, aparar unhas muito perto da parte viva, limpeza dolorosa, artrites, mordidas que formam abscesso e infecções do trato urinário. Em condições crônicas, a situação pode ser generalizada e transformada em medo ou aversão à pessoa que medica o animal. O medo provavelmente é um dos componentes de agressão induzida por dor e deve ser abordado adequadamente (FRANK, DEHASSE, 2003).

4.7.1 Tratamento

O ideal é não manipular o gato quando ele estiver com desconforto, principalmente quando houver crianças dentro da casa que podem causar dor sem entender. No entanto, isto muitas vezes não é possível porque é necessário administrar algum medicamento ou realizar alguma terapia, como fluidoterapia, fisioterapia, etc. Então, a abordagem deve ser conter o animal para reduzir o perigo para o manipulador. Além disso, é necessário fazer tratamento apropriado da dor com analgésicos e empregar exercícios de dessensibilização ou contracondicionamento para aumentar a tolerância do gato a ser manipulado (BEAVER, 2004, LANDSBERG, 2005). Recomenda-se seguir os seguintes passos (CURTIS, 2008, LANDSBERG, 2005, OVERALL, 1997):

- Elimine ou reduza a origem da dor, por meio de terapia médica ou dietas terapêuticas.
- Modifique o tratamento para torná-lo mais confortável.
- Manipule o paciente de forma gentil e considere o uso de focinheira para proteção.
- Promova o controle do proprietário com treinamento e recompensas.
- Dessensibilização e contracondicionamento para gradualmente acostumar ao gato à manipulação.
- Evite punição dolorosa.
- Não recompense o gato pela agressão.
- Alivie o gato da ansiedade produzida pela antecipação de dor.

- Se possível, não faça todas as medicações ao mesmo tempo, só se for muito rápido e eficiente.

4.8 Agressão materna

A agressão materna é uma das agressões mais previsíveis e autolimitante. Este tipo de comportamento é parte do comportamento normal da fêmea, que protege seus filhotes e a ela mesma, especialmente de pessoas não familiares. Conforme os filhotes crescem, a agressividade da mãe diminui. Geralmente a fêmea tende a evitar um confronto, ma quando é encurralada ataca. Uma das estratégias a ser estabelecidas é o manejo da pessoa que vai cuidar a gata desde o estágio inicial da gestação, já que diminui a chance de mostrar este tipo de agressão (CURTIS, 2008). A agressividade materna é controlada por influencias hormonais, pelo hipotálamo e por fatores ambientes, em especial a presença dos filhotes (BEAVER, 2003).

4.8.1 Tratamento

Como foi explicado antes, a agressividade materna é um comportamento normal e deve ser antecipado em lugar de alterado (BEAVER, 2004). De acordo com Overall, K. (1997), as gatas reprodutoras e seus filhotes deveriam não ser relativamente incomodados e o afastamento deve ser a melhor medida. Se ao se afastar do animal e seus filhotes não diminui o nível de agressividade, tal vez poderia se pensar em castração.

Técnicas como dessensibilização e contracondicionamento de forma gradual podem ser empregadas, associando reforços positivos à presença das pessoas. Conforme os filhotes crescem, a agressividade da mãe diminui (CURTIS, 2008).

4.9 Agressividade sexual

Esta agressividade acontece em gatos machos inteiros ou castrados que direcionam agressividade aos proprietários, simulando o ato sexual principalmente em braços e pernas. Geralmente este tipo de agressividade é raro para a espécie. Embora, raramente no ato copulatório resulta em agressão contra a fêmea felina, gatos com este problema podem

lesionar ao proprietário ao tentar subir no membro, arranhar e morder a pele e realizar movimentos pélvicos (HOUPY, 1997, CURTIS, 2008).

4.9.1 Tratamento

Uma das primeiras intervenções a ser realizada é a castração em caso que o animal não seja utilizado para reprodução. A segunda medida, é a punição, que deve ser implementada antes que os primeiros intentos de montar na pessoa sejam feitos (HOUPY, 1997). Segundo Curtis, T. (2008), ferramentas úteis para a punição podem ser garrafas spray de água e deve ser acionado quando o animal enfoca o proprietário com a intenção de realizar a seqüência. Além disso, deve redirecionar a atenção para comportamento apropriado com brincar. Algumas vezes a causa deste comportamento é a ansiedade, como resultado de pouco enriquecimento ambiental ou pouco controle do proprietário sobre o animal. Medicação pode ser utilizada para diminuir a excitação, mas não tem muita literatura sobre a sua eficácia, as opções são descritas no item de intervenção farmacológica.

4.10 Agressão fisiopatológica

Distúrbios agressivos fisiopatológicos são os que têm uma causa médica subjacente incomum. O ataque é direto, sem ameaças preliminares, com mordidas desinibidas, causando sérios ferimentos nas pessoas. Em alguns casos, os problemas médicos sozinhos podem não causar o problema, mas pode ser necessário uma combinação de fatores comportamentais e ambientais para que a agressão fique evidente (LANDSBERG, 2005, FRANK, DEHASSE, 2003). São descritos na **Tabela 2**, os fatores que podem desencadear um comportamento agressivo fisiopatológico:

Tabela 2. Distúrbios agressivos fisiopatológicos felinos.

Causa subjacente	Exemplo
Agente infeccioso	Raiva
Endocrinopatia	Hipertireodismo
Doença neurológica	Epilepsia, inflamação do Sistema nervoso central, infecção
Drogas e toxinas	Efeitos colaterais ou paradoxais do agente terapêutico ou ser causados por toxinas, por exemplo benzodiazepínicos
Afecções dolorosas	Odontopatias, artrite, abscessos, problemas musculoesqueléticos
Outros problemas médico	Perda sensorial, fadiga
Doenças degenerativas	Disfunção cognitiva
Neoplasias	Efeitos de tumores no tecido cerebral afetado por exemplo tumores límbicos

Fonte: LANDSBERG, 2005,

Existem duas condições médicas associadas com agressividade de grande importância, a raiva e o hiper ou hipotireodismo. No caso do primeiro, é a doença mais séria que pode ser relacionada a agressão; indivíduos infetados pelo vírus ficam extremamente agressivos e perseguem suas vítimas. Nestes casos, é importante que o médico veterinário esteja alerta a mudanças drásticas no comportamento e oriente apropriadamente aos proprietários. E no segundo caso, mudanças no hormônio da tireóide sempre são associadas à agressão e geralmente o hipertireodismo é o mais comum nos gatos. Uma descrição usual para agressividade por hipertireodismo é "desagradável ou horrível" e a agressividade de hipotireodismo é mais mostrada como "irritável". Por este motivo, deve ser feita uma pesquisa de rotina do hormônio tireóideo, particularmente em gatos na metade da vida adulta em diante (BEAVER, 2003).

4.10.1 Tratamento

Deve ser identificado a causa primária base e realizar o tratamento daquela afecção adequadamente.

4. 11 Agressão idiopática

A agressão idiopática refere-se a uma categoria genérica para o comportamento agressivo que parece imprevisível e não se conhece a causa subjacente. O diagnóstico frente a estes casos é reservado, sempre que passou exame clínico completo e avaliação de um terapeuta comportamental que não conseguiu identificar a causa do comportamento agressivo. Às vezes, é muito difícil achar a causa porque nem todas as informações estão disponíveis para o especialista e para o proprietário. Algumas vezes a agressão redirecionada e por medo se enquadram erradamente nesta categoria por terem resultado de circunstâncias não percebidas pelo proprietário. A característica mais marcante de agressão idiopática é a imprevisibilidade associada com mordidas desinibidas que causam feridas graves nos proprietários e aumenta o perigo da situação de maneira significativa (LANDSBERG, 2005).

4.11.1 Tratamento

A eutanásia pode ser apropriada nestes casos; qualquer que seja o caso, os proprietários devem ser instruídos a terem cuidado com o gato e que a causa é desconhecida (LANDSBERG, 2005).

5 INTERVENÇÃO FARMACOLÓGICA

5.1 Visão geral na terapia comportamental

A intervenção farmacológica é usualmente utilizada como facilitador de modificação comportamental, porém em alguns casos pode ser desnecessária, assim como outros a sua utilização pode ser essencial. No entanto, se o tratamento medicamentoso foi escolhido como adjuvante da terapia comportamental, qualquer abordagem farmacológica deve ser usada com racionalidade. Na psiquiatria humana, é considerado inapropriado prescrever fármacos na ausência de um plano de tratamento que inclua outras terapias, como modificação comportamental. Inclusive é aplicado para doenças psiquiátricas cujo distúrbio tem base orgânica, por tanto na medicina veterinária e mais especificamente na etologia clínica não deve ser diferente (OVERALL, 1997).

No atendimento de problemas comportamentais, os proprietários dos pacientes devem ser esclarecidos que as drogas usadas para modificar o comportamento não atuam de forma

rápida e com solução imediata. Infelizmente, não existe substituto para o árduo trabalho que envolve todos os membros da família no protocolo de modificação comportamental. Na prática, muitas vezes clientes ficam desapontados porque não encontram solução mais rápida e fácil de aplicar. O cliente de ser avisado que a maioria das drogas comportamentais devem ser usadas por períodos de seis a oito semanas no mínimo para adquirir o efeito desejado. O uso de drogas de forma inapropriada pode mascarar ou atenuar resultados comportamentais, sem alterar os contextos do ambiente que produziram o comportamento (OVERALL, 1997).

Segundo Overall, K. (1997), antes de incorporar qualquer fármaco em um programa de tratamento comportamental, o veterinário deve ter conhecimento dos seguintes pontos: diagnóstico razoável ou uma lista de diagnósticos possíveis; conhecimento do mecanismo de ação do princípio ativo da droga disponível no mercado; efeitos colaterais e como o medicamento escolhido especificamente podem modificar o comportamento em questão. Este último ponto é crítico, porque não só ajuda ao cliente para estar alerta a efeitos colaterais ou melhorias, como também pode ajudar ao profissional a confirmar o diagnóstico inicial ou rejeitá-lo.

De acordo com Landsberg, G. (2005), a prescrição de fármacos deve ser realizada de acordo com as normas locais e as exigências de licenciamento. A maior parte dessas medicações tem sido amplamente usada em seres humanos, mas não é autorizada para uso em animais. Embora a distribuição e o metabolismo de algumas dessas drogas tenham sido determinadas para cães e gatos, esse não é o caso sempre. Portanto, a extrapolação direta para o uso de drogas psicotrópicas humanas em animais pode não ser precisa, já que tanto o metabolismo das drogas como os efeitos neurotransmissores e receptores podem variar entre as espécies. Em países como Estados Unidos, o proprietário deve assinar um termo, onde avisa que a droga esta sendo considerada em caráter de pesquisa e que seu uso é fora das recomendações da bula do medicamento.

Um fator crucial quando se utiliza fármacos, é que os proprietários devem monitorar seus animais quanto à redução de gravidade, frequência ou intensidade dos comportamentos. Deve haver uma comunicação aberta e constante entre o proprietário e o veterinário, para relatar imediatamente os efeitos adversos ou inesperados. Idealmente, deve-se realizar exames de sangue e urina antes de administrar qualquer droga comportamental, para descartar doenças subjacentes e estabelecer um parâmetro para futuros exames. Os exames devem ser

repetidos em intervalos regulares, mínimo uma vez ao ano, com base na idade e saúde do animal e pensando nos potenciais efeitos colaterais dos medicamentos (LANDSBERG, 2005).

As classes de fármacos aplicados na modificação comportamental são as seguintes: anti-histamínicos; tranquilizadores; estabilizadores do humor ou anti-psicóticos; anticonvulsivantes; progestágenos e/ou estrógenos; simpaticomiméticos e estimulantes; inibidores da MAO; ansiolíticos inespecíficos; antidepressivos tricíclicos; agonistas narcóticos e antagonistas; e, drogas diversas como agentes β -adrenérgicos, bloqueadores de canais de Cálcio, entre outros (OVERALL, 1997).

5.2 Fármacos utilizados na agressão felina a pessoas

De acordo com Curtis, T. (2008), os fármacos utilizadas no tratamento de agressividade felina contra pessoas, geralmente é empregada em combinação com manejo do ambiente e técnicas de modificação comportamental ambiental como dessensibilização e contracondicionamento. Medicamentos psicoativos são primariamente utilizadas com o intuito de diminuir o nível de ansiedade e reatividade no gato para que o processo de aprendizagem seja mais eficiente. As medicações usualmente são utilizadas em curto prazo; podem ser incrementadas até obter uma concentração ótima e o ideal é que com o tempo se interrompa sua administração.

As classes de drogas mais comumente usadas para agressividade felina à pessoas são os inibidores seletivos da recaptação de serotonina (ISRS), antidepressivos tricíclicos (ATC), as azapironas e os benzodiazepínicos. Alguns proprietários criam um ritual de trato diário que pode adicionar ainda mais estresse em gatos ansiosos, situação nada desejável. Estas medicações são administradas por via oral, o qual pode ser um problema para alguns animais. É recomendável esconder o medicamento em petiscos muito saborosos, como por exemplo, como requeijão, creme de leite, sorvete, "cream cheese" sabor salmão, entre outros. Infelizmente, outras vias foram testadas, como dispositivos transdérmicos, porém ainda não tem resultados eficazes para seu uso. Na **Tabela 3**, são descritos os principais fármacos utilizados na agressão à pessoas (CURTIS, 2008).

Tabela 3. Principais fármacos utilizados na agressão à pessoas, indicando classe e dose recomendada.

Classe	Fármaco	Dose via oral para gatos
ISRS	Flouxetina	0,5–1,5mg/kg cada 24 horas
	Paroxetina	0,5–1,5mg/kg cada 24–48 horas
	Sertralina	0,5–1,5 mg/kg cada 24 horas
ACT	Clomipramida	0,25–1,3 mg/kg cada 24 horas
	Amitriptilina	0,5–2 mg/kg cada 12–24 horas
Azapironas	Buspirona	2,5–7,5 mg/gato cada 12–24 horas ou 0,5–1mg/kg cada 12-24 horas

Fonte: CURTIS, T. (2008)

5.2.1 Inibidores seletivos da recaptação de serotonina (ISRS)

Os ISRS são uma classe de antidepressivos que reúne três tipos de efeito: ansiolítico, anticomulsivante e alguns são antiagressivo. Entre esta classe, podemos mencionar a flouxetina, paroxetina e sertralina. Esses medicamentos inibem a recaptação da serotonina e aumentam a neurotransmissão serotoninérgica, o que permite que as moléculas atuem durante mais tempo. Considerações importantes ao proprietário devem ser feitas, como o seu uso, que deve ser diário, e a obtenção de efeitos desejados leva, no mínimo, um mês. No entanto, desde o começo do tratamento, deve-se estar alerta para os efeitos colaterais, e caso aconteçam, pode-se diminuir a dose ou suspender por completo o fármaco. Entre os efeitos secundários podemos citar: sedação, tremores, constipação, diarreia, ansiedade, irritabilidade, excitação, insônia, diminuição do apetite, anorexia, agressividade, compulsão, diminuição da libido, hiponatremia e convulsões. Por precaução aos diferentes efeitos secundários, o recomendado é começar com doses muito baixas até achar a dose que mantenha o problema primário estável e não produza os efeitos indesejados (CURTIS, 2008).

5.2.2 Antidepressivos tricíclicos (ATC)

Os ATC são inibidores tanto da serotonina como de noradrenalina. Além disso, possuem efeitos anti-histamínicos, anticolinérgicos e são antagonistas α -adrenérgicos, o que causa muitos efeitos colaterais. Tem efeitos iguais ao ISRS, como ansiolíticos, anticomulsivantes e antiagressivos, e de administração diária. Os ATC têm capacidades diferentes sobre o aumento da serotonina e como classe não são seletivos desta, como os ISRS

Entre os ATC podemos citar a clomipramida e a amitriptilina. A clomipramida é mais seletivo para a serotonina e único medicamento psicoativo aceito pela Administração de Alimentos e Comidas (FDA) dos Estados Unidos, para o tratamento comportamental de ansiedade de separação em cães, por tanto, seu uso em agressividade felina sempre é extrabula. A amitriptilina tem efeito potente tanto para a recaptação de serotonina como anti-histamínico. Como efeitos secundários estão: diarreia, constipação, mudanças no apetite, sedação, retenção urinária, ataxia, diminuição na produção de lágrima, midríase e arritmias cardíacas. É importante ressaltar, que os efeitos secundários que se referem ao trato digestivo podem ser evitados quando administra-se o medicamento em dose dividida duas vezes ao dia (CURTIS, 2008).

5.2.3 Azapironas

Segundo Crowell-Davis, Murray, (2006), as azapironas podem ser utilizadas em uma variedade de desordens e comportamentos de ansiedade, incluindo ansiedade propriamente dita, marcação, ansiedade de separação e gatos subordinados ou tímidos que podem ser agressivos. Neste caso, as azapironas podem ajudar em casos de agressividade que são desencadeados por comportamento tímido de um animal. Este grupo de fármaco não deve ser administrado em combinação com inibidores da MAO, no entanto são comumente associados com ISRS e ATC em pacientes que não responderam a nenhum dos dois fármacos sozinhos.

A buspirona é a única droga das azapironas comercializada em muitos países. Ela é um parcial agonista da serotonina e é ansiedade-seletiva que não tem efeito sedativo substancial. Além disso, em doses ansiolíticas, não tem efeitos anticonvulsivantes, cardiovasculares e/ou como relaxante muscular. A vantagem da buspirona então são os

poucos efeitos secundários, embora existam relatos de animais que tiveram uma resposta de excitação e não calmante. Alguns dos efeitos desejáveis reportados pelos proprietários em gatos incluem animais mais afetivos. Com este efeito, o animal é capaz de aprender e aumentar a dinâmica social, melhorando a relação proprietário-animal (CROWELL-DAVIS, MURRAY, 2006, CURTIS, 2008).

5.2.4 Benzodiazepínicos

Os benzodiazepínicos atuam facilitando o ácido gamaaminobutírico ao sistema nervoso central. Os efeitos comportamentais são em conjunto com a ação do hipotálamo e o sistema límbico. Elas são medicações ansiolíticas de ação rápida, que pode durar de poucas a várias horas, dependendo do fármaco específico. Este grupo de fármacos é potencialmente útil em problemas envolvendo ansiedade, medo e fobia; mais especificamente em casos de agressividade por medo em gatos. Os efeitos secundários dos benzodiazepínicos são: sedação, ataxia, relaxamento muscular, aumento do apetite e excitação paradoxal. Entre os benzodiazepínicos os mais comumente utilizados em gatos são: alprazolam, diazepam e oxazepam. Observa-se efeitos hepatotóxicos com o uso do Diazepam, razão pela qual deve ser evitado (CROWELL-DAVIS, MURRAY, 2006, CURTIS, 2008).

5.3 Feromônios

No gato, existem cinco diferentes feromônios faciais, chamados de frações F1, F2, F3, F4 e F5, isolados de secreções sebáceas da bochecha. Até hoje, se conhece a função das frações F2, F3 e F4. Estes feromônios atuam em conjunto com a marcação territorial em gatos e em comportamentos sociais complexos que podem ser observados. Entre as frações conhecidas, são de importância para a agressividade felina contra pessoas, a F3 e principalmente a F4 (PAGEAT, GAULTIER, 2003). No Brasil é comercializado a fração F3 conhecido como Feliway[®] e ainda não encontra-se disponível no mercado a fração F4 chamada de Felifriend[®].

A F3 é composta por ácido oléico, ácido azelaico, ácido pimélico e ácido palmítico. Sua função é marcação facial de objetos, antagonista de arranhadura e marcação por urina. O gato parece marcar alguns pontos em torno de seus caminhos preferenciais em seu território, esfregando o rosto sobre eles (**Figura 5**). Ao fazer isso, ele deposita o feromônio F3, o que ajuda na organização do meio ambiente, classificando os objetos conhecidos e objetos desconhecidos. Gatos de ambos os sexos apresentam este comportamento e sua frequência varia conforme o indivíduo. Em termos práticos da fração do F3, com respeito à agressividade felina direcionada a pessoas, é um indicador de orientação espacial, estabilidade emocional e proporciona melhoras no comportamento alimentar, exploratório e lúdico do animal. Também esteve relacionado com a diminuição do nível de ansiedade (PAGEAT, GAULTIER, 2003).

Figura 5- Marcação facial do gato: o animal esfrega a cabeça contra um objeto a partir do lado do queixo até a base da orelha.



Fonte: PAGEAT, GAULTIER, 2003.

A fração F4, é composta por 5β -colestan ácido 3β -ol, ácido oléico, ácido pimélico, n-butírico. A função social refere-se a allomarking (marcação de outros gatos). O comportamento de allomarking é observado entre gatos que vivem juntos ou entre gatos e cães ou gatos e pessoas, quando o gato socializa com outras espécies. Este feromônio diminui a probabilidade de comportamento agressivo entre o gato e a pessoa marcada, ele atua reduzindo os riscos de agressividade quando o gato precisa ser manipulado (PAGEAT, GAULTIER, 2003).

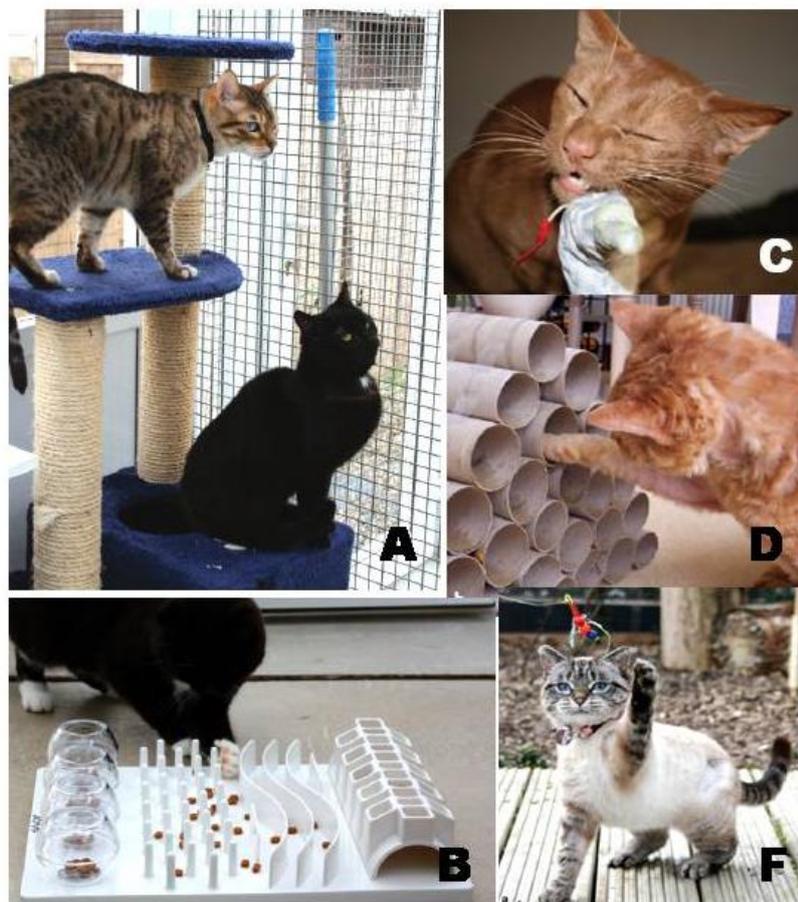
6. PREVENÇÃO

A maioria das agressões felinas podem ser prevenidas. É necessário informar e educar a população, principalmente a população de risco, como crianças, idosos ou pessoas imunodeprimidas (PALACIOS, 2007). O conhecimento dos fatores de risco pode ajudar a alertar os proprietários e impedir problemas de comportamento e mais especificamente, agressividade contra pessoas. Com a experiência e instrução do proprietário, ele pode reconhecer sinais iniciais de medo e ansiedade que estão relacionadas com comportamento agressivo. Os indicadores mais importantes se referem à postura corporal, posição de orelhas, movimentos de cauda, expressões faciais e vocalizações. Estes indicadores são complementados no **Anexo B** (RODAN, 2011).

Uma medida importante a ser tomada, é evitar que o ambiente do animal seja monótono e pobre e, além disso, que mudanças não sejam repentinas, pois são causadoras de estresse em gatos (AMAT, 2009). O enriquecimento ambiental é o processo de adição de um ou mais fatores ao ambiente do animal, a fim de melhorar o bem-estar físico e psicológico do indivíduo. Estratégias ambientais de enriquecimento para o gato incluem a estimulação social, práticas de alimentação alterada, a adição de estruturas e/ou estímulos sensoriais. Ilustrações de enriquecimento ambiental são exemplificados na **Figura 6**. Os objetivos do enriquecimento ambiental são (ELLIS, 2009):

- Aumentar a diversidade comportamental.
- Reduzir a frequência de comportamentos anormais.
- Aumentar a quantidade ou número de comportamento normais para a espécie.
- Aumentar a utilização positiva do meio ambiente.
- Aumentar a habilidade de lidar com desafios de uma maneira positiva.

Figura 6 Diferentes tipos de enriquecimento ambiental para gatos.



A. Adição de estruturas verticais que simulam árvores, tem como vantagem aumentar o espaço vertical. **B e D.** Dispositivos de enriquecimento alimentar que podem ser comprados ou feitos em casa. **C.** Brinquedo contendo erva do gato ou Catnip[®], exemplo de enriquecimento olfativo. **F.** Brinquedo que simula pequenas presas e no qual o proprietário pode começar seqüências lúdicas sem utilizar as mãos. **Fonte:** ELLIS, S. (2009).

Outra das recomendações para prevenir a agressividade felina e outros problemas comportamentais é a socialização do animal na fase de filhote. Deve-se permitir ao animal, entrar em contato com muitas pessoas diferente, como bebês, crianças, pessoas idosas, de conformações e raças diferentes. Além disso, deve-se propiciar uma interação adequada entre o gato e a pessoa, sempre evitando a utilização de mãos e pés no momento do brincar com o gato. Com estas medidas pode-se prevenir agressões por brincadeira por exemplo. (DEHASSE, FRANK, 2003).

7 CONCLUSÕES

A população de gatos como animal de estimação vem aumentando seu número na maioria dos países do mundo e, inclusive, ganhando o espaço de primeiro lugar, o qual era ocupado pelos cães antigamente. Com isto, a demanda de mais conhecimentos na medicina veterinária e mais recentemente, na área de etologia clínica é cada vez mais comum. A área de etologia clínica é de grande importância para melhorar a convivência entre a pessoa e seu animal de estimação. Além disso, trabalha com questões tão alarmantes como a agressão felina contra pessoas, que é um assunto importante desde o ponto de vista de saúde pública.

A agressividade felina contra pessoas pode ser considerada em certas situações como um comportamento normal do gato e dentro do estudo do comportamento é considerada a segunda queixa mais comum do proprietário. A partir deste dado, os médicos veterinários deverão estar cada dia mais capacitados para atender este tipo de queixas e na maioria dos casos os clínicos não possuem esse conhecimento específico. Contudo, a especialização em etologia clínica, além de preparar um profissional para trabalhar com comportamento animal, também deve lidar com temas como a psicologia humana, a dinâmica familiar e o contexto social no qual o animal está inserido. Com estes conhecimentos, o especialista poderá ter mais ferramentas para educar a população e fornecer uma melhor relação homem-animal.

Muitas das agressões de gatos direcionadas a pessoas podem ser prevenidas. Por isto o proprietário, quando adquire um gato, deveria obter uma orientação sobre o seu comportamento e temas tão relevantes como a comunicação felina, para entender os sinais iniciais de medo e ansiedade e tomar as medidas necessárias antes que ocorra uma agressão. Além disso, o manejo correto do ambiente, enriquecido com diferentes estímulos sensoriais, auxilia no controle da agressividade.

A agressividade felina contra pessoas é um problema muito sério que pode causar tanto danos físicos como psicológicos e, muitas vezes, pode ser a causa principal de abandono ou eutanásia em gatos. A abordagem nos casos de agressividade deve incluir um entendimento completo sobre o histórico do animal e o estilo de vida do proprietário, que permita ao especialista em comportamento encontrar uma intervenção adequada e bem sucedida.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN VETERINARY MEDICAL ASSOCIATION (AVMA). **U.S. Pet Ownership & Demographics Sourcebook 2007**. Disponível em: <http://www.avma.org/reference/marketstats/ownership.asp>. Acesso em: 15 setembro 2011, 20:25.
- BRADSHAW, JOHN W.S. **The behavior of domestic cat**. Wallingford: CAB International, 1992. p. 92-110.
- BEAVER, B.V. **Comportamento felino: um guia para veterinários**. São Paulo: Roca ed. 2, 2003, p. 139-188
- BEAVER, B.V. Fractious cats and feline aggression. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v.6, 2004 p.13–18.
- CALDERÓN, Néstor. **Agregados comportamentais a la historia clínica de pequeños animales. Bogotá D.C.:** Universidad de La Salle, 2009.
- CROWELL-DAVIS, S.; MURRAY, T. **Veterinary Psychopharmacology. Iowa:** Blackwell Publishing. ed. 1, 2006, p. 111- 1118, p. 34- 72. Cap 6 e cap 3
- CURTIS, T.M. Human-Directed Aggression in the Cat. **The veterinary clinics: small animals practice**. v. 38, n. 10, abril 2008, p. 1131–1143.
- DODMAN, Nicholas H.; SHUSTER, Louis. **Psychopharmacology of animal Behavior disorders**. Malden: Blackwell Science, 1998. p. 17-102.
- ELLIS, S. Environmental enrichment: practical strategies for improving feline welfare. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v.11, 2009, p.901-912.
- FRANK, D., DEHASSE, J. Differential diagnosis and management of human-directed aggression in cats. **The veterinary clinics: small animals practice**. v. 33, 2003, p. 269–286.
- HEIBLUM, MOISÉS FRID. **Etología clínica em perros y gatos**. Universidad Nacional Autónoma de México: Facultad de Medicina Veterinaria y Zootecnia, 2004.
- HORWITZ, Debra F.; NEILSON, Jacqueline C. **Comportamento canino e felino**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- HOUP, Katherine A. **The veterinary clinics of North America. small animal practice: process in companion animal behavior**. Philadelphia: W.B. Saunders Company, v. 27, n. 3, p. 549–568, maio 1997.
- OVERALL, Karen L. **Clinical Behavioral Medicine for Small Animals**. St. Louis: Mosby, 1997, p. 209-250.

LANDSBERG, Gary M.; HUNTHANUSEN, Wayne L.; ACKERMAN, Lowell J. **Problemas comportamentais do cão e do gato**. São Paulo: Roca 2 ed., 2005, p. 391- 414

NORSWORTHY, Gary D. **The feline patient**. Iowa: Blackwell Publishing Ltd, 4ed. 2011 p. 563-565.

PAGEAT, P.; GAULTIER, E. Current research in canine and feline pheromones. **The veterinary clinics: small animal practice**, v. **33**, 2003, p. **187 – 211**.

PALACIOS, J. et al. Incidence of and risk factors for cat bites: a first step in prevention and treatment of feline aggression. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 9, 2007, p.188-195.

PERUZZI, J. **Medo em cães**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Faculdade de Medicina Veterinária. Porto Alegre, 2008. p.10-13.

RAMOS, D.; MILLS, D.M. Human directed aggression in Brazilian domestic cats: owner reported prevalence, contexts and risk factors. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 11, 2009, p. 835-841.

RODAN, I et.al. AAFP and ISFM Feline-Friendly Handling Guidelines. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 13, 2011, p. 364–375.

SHINAGAWA, N. **Arquitetura interiores: Gatos na casa**. Disponível em:
< <http://www.arquiteturainteriores.com/tag/prateleiras/>> Acesso em: 16 de novembro 2011, 20:15.

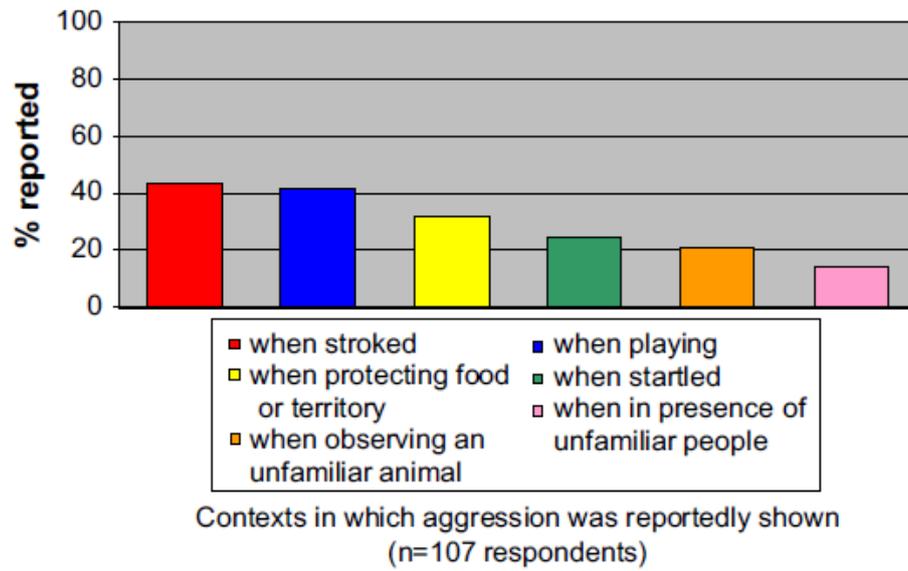
VOITH, Victoria L, BORCHELT, Peter L., **The veterinary clinics of North America: small animal practice, symposium on animal behavior**. Philadelphia: W.B. Saunders Company , v. 12, n. 4, p. 693–706, nov. 1997.

ANEXO A- NÚMERO DE CASOS DE ACUERDO COM A QUEIXA DO PRORIETÁRIO NA CIDADE DE SÃO PAULO.



Fonte: RAMOS, D. MILLS, D. (2009)

ANEXO B- INCIDÊNCIA REPORTADA DE AGRESSIVIDADE DIRETA À PESSOAS EM DIFERENTES CONTEXTOS.



Fonte: RAMOS, D. MILLS, D. (2009)

ANEXO C – SINAIS INICIAIS DE MEDO E ANSIEDADE QUE PODEM SER RECONHECIDOS PELO PROPRIETÁRIO PREVENINDO UM ATAQUE.

Early signs of fear and anxiety

Most veterinary team members can recognize facial and postural signs of advanced fearful aggressive behavior. The different behavioral displays shown here demonstrate points at which the veterinary team can attempt to defuse escalating fearful or fear-aggressive behaviors, well before a cat is fully aroused.

Body postures

This cat shows increasing signs of fear as a technician approaches. The cat displayed the below sequence of behaviors over less than a minute. The fear was resolved by distraction.

The technician is about 6 feet (2 m) away. The cat is showing early signs of fear or anxiety by slightly turning the ears and lowering them horizontally. The back is beginning to arch. Note the mild tension in the face. The team should be taking action at this stage to defuse this cat's fear




The cat shows increased fear by bringing the feet closer to the body, lowering the head and making itself seem smaller



The cat is now preparing itself for fight. The back has become more arched and ears more flattened, suggesting that the cat is potentially more aggressive. (A few seconds later, the cat hissed and looked as if it would lunge forward)



The technician changed the approach and began enticing the cat with a favorite toy. Note the one extended paw and the upward ears. The back is no longer arched and the cat's overall posture is more relaxed



Facial changes

These close-up images show the cat's face as it becomes more fearful. When these signs appear, take steps to defuse the anxiety in the cat.



Progressive mydriasis and mild rotation/flattening of the ears indicate increasing fear



Slightly narrowed or oblong pupils, horizontal and forward turning ears and more tense jaw-set show escalating apprehension and fear

Fonte: RODAN, I. et al (2011).